



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, antes da sessão de encerramento do encontro empresarial

Maputo-Moçambique, 16 de outubro de 2008

Presidente: (inaudível) que o mundo desenvolvido quer uma data (inaudível) que a economia precisa. Eu penso que tem muita gente falando coisas contraditórias. De vez em quando você vê o presidente do Banco Central americano dizer uma coisa, depois você vê um banco europeu dizer outra. Ou eles se acertam, elaboram um discurso único e começam a colocar o pé na economia real ou nós vamos ficar nesse “samba do crioulo doido”, cada dia vendo a Bolsa disparar para cima, no outro dia dispara para baixo.

Mas eu estou convencido de que o mundo vai se ajustar. E mais convencido estou de que até agora a gente não viu nenhuma coisa mais séria acontecer nos países emergentes: China, Índia, Brasil, África do Sul, América do Sul.

Jornalista: E até a Islândia, não é?

Presidente: Se um país apostou errado... Quem aposta errado, pode ganhar muito e pode quebrar a cara. Tem gente que quebrou a cara.

Jornalista: (inaudível) ...bota tudo quase na Bolsa.

Presidente: Eu acho que as pessoas precisam tratar a economia com mais juízo e responsabilidade, apenas isso. Eu acho que a gente tem que ter tranqüilidade para tirar proveito dessa crise e saber que a economia real não é uma roleta. É um jogo em que cada centavo produzido tem que ter como resultado uma peça, um prato de comida, um pão, uma roupa, e não apenas o



sujeito querer ganhar dinheiro com facilidade (inaudível).

Jornalista: A equipe econômica está reunida hoje?

Presidente: Não, hoje estou muito satisfeito com o meu encontro com o Mandela. O Mandela, para mim, representa uma das personalidades mais extraordinárias que o mundo produziu em defesa do povo negro do Planeta. Eu tive a oportunidade de estar com o Mandela em 1994, no dia 1º de maio, em Cuba; tive a oportunidade de ser recebido pelo Mandela aqui, quando eu estava disputando as eleições, em 1994. E a minha visita, hoje, foi uma retribuição do carinho que ele me deu quando ele era presidente da República e eu era candidato.

E achei extraordinário porque ele, embora esteja com um problema no joelho, está lúcido. É uma personalidade. É emocionante. Eu confesso a vocês que tem algumas figuras que fizeram gestos que marcaram a minha vida, e o Mandela foi uma delas. O outro foi o Fidel, em 1990, quando eu tinha perdido as eleições para o Collor. O Fidel veio para a posse do Collor e foi almoçar comigo. Esses são gestos pequenos.

O Mandela, tinha muita gente querendo vir conversar com o Mandela aqui, em 1994, inclusive os meus adversários. Como eu tinha uma boa relação com o Movimento Sindical da África do Sul, eu liguei para os companheiros da Cosato e o Mandela me recebeu. Então, eu sou grato.

Eu sempre faço questão de tentar me encontrar com as pessoas porque senão parece que só tem sentido a nossa relação de amizade quando a gente tem cargo. Hoje mesmo eu tentei ligar para o presidente Chissano, que é o ex-presidente daqui, que está em Washington. Mas eu queria tomar um café com ele, porque eu fiz amizade, convivi com ele. Venho ao país, ele não é mais presidente, então não vou mais vê-lo?

E o Mandela será sempre o grande presidente negro do continente



africano.

Jornalista: Obrigado.

(\$31EGJLQ)